

Método analítico: Freud na atualidade*

*Luiz Carlos Mabilde***, Porto Alegre

O trabalho possui três objetivos complementares. O primeiro é o de fazer a devida revisão do conceito de método analítico em termos históricos e de seu desenvolvimento. O segundo – que toma espaço maior – é o de discutir se existem ou não diferenças conceituais entre método e técnica, momento em que são trazidos ao texto um trabalho de Lipton e aspectos da análise do Homem dos ratos, a fim de ilustrar e sustentar a opinião do autor em favor de um único método e várias técnicas. Por último, é imaginado um breve diálogo com Freud sobre os mais recentes desenvolvimentos técnicos da psicanálise como meio de integrar e concluir o que o autor entende ser o método analítico hoje.

Descritores: Freud. Método analítico. Técnica analítica.

* Apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em maio de 2006, como parte de painel sobre *Método Analítico I: Freud na Atualidade*, dentro das comemorações dos 150 anos de Freud.

** Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Introdução

Freud (1893, 1904) utiliza o termo método – enquanto forma de a psicanálise atuar sobre os fenômenos psíquicos – apenas em duas ocasiões, quais sejam, ao discutir o método catártico e, cerca de dez anos mais tarde, a pedido de Loewenfeld, ao escrever um artigo no qual apresenta certas modificações técnicas introduzidas no método desde os *Estudos sobre histeria* (1895), motivo da encomenda feita por Loewenfeld.

O método catártico consiste em fazer a excitação voltar da esfera do somático para a do psíquico e assim efetuar violentamente a liquidação da contradição através da atividade do pensamento e da descarga da excitação pela sua verbalização (Freud, 1894).

Já no artigo citado, Freud (1904) trata de explicar o abandono da hipnose, o uso da associação livre e o manejo da resistência, através do trabalho interpretativo, possibilitando tornar consciente o inconsciente e interferir no conflito neurótico aprisionado, eliminando os sintomas (vide os casos do *Homem dos ratos* e *Homem dos lobos*).

Ao me debruçar sobre o artigo, percebi duas curiosidades. Iniciada a leitura, esse não parece ter sido escrito por Freud, uma vez que fala em Freud como se ele fosse uma terceira pessoa, o que não era do seu hábito. E, embora o seu título seja *O método psicanalítico de Freud* (1904), fica-se com a impressão que o conteúdo não corresponde ao título, posto que o método parece ser o mesmo de antes (penetrar nas causas dos sintomas eliminando-os), apenas com novas técnicas.

Parece-me, portanto, que o artigo reflete uma preocupação de Freud em cunhar o método, separando-o do de Breuer. Já, agora, poder-se-ia perguntar se existem diferenças entre método e técnica.

Esse é um ponto controvertido, inclusive confuso, pois há um uso indistinto, sobreposto e sinônimo dos dois termos nas exposições e textos psicanalíticos (uma conjectura possível para Freud ter se colocado na terceira pessoa é que – pela razão ligada a Breuer – precisava apresentar um *outro* método (o seu), mas, como sabia da impropriedade, colocou-o em um outro Freud).

Do meu ponto de vista, existem, sim, diferenças entre método e técnica, semânticas e conceituais (Mabilde, 2005). Por método, entende-se um meio para se atingir um objetivo, enquanto técnica define um conjunto de procedimentos para se realizar uma tarefa. Se o primeiro diz qual o caminho a ser tomado, o segundo prescreve o que precisamos fazer durante o trajeto. Como se vê, embora sutil, há uma diferença presente.

Para o próprio Freud (1895), ao que parece, também eram coisas distintas, daí usar a palavra técnica em detrimento de método, sempre que precisou se referir à ação terapêutica da psicanálise. Quer dizer, uma vez descoberto o *jeito* de influenciar os fenômenos histéricos, doravante era necessário aperfeiçoá-lo, estabelecendo novas técnicas para melhor executá-lo. Tanto é assim que já denomina de *técnica da pressão* (e não de método) a etapa intermediária entre a ab-reação e a técnica clássica.

Um outro aspecto introdutório – que me parece importante – é a questão de que regras básicas se serviu Freud para estabelecer e propor um método de investigação e tratamento das perturbações mentais.

Aqui a resposta é inquestionável: ele elegeu as regras incluídas nas leis que controlam os fenômenos naturais, outro significativo fato para justificar minha proposição de existir um só método analítico, mas com várias técnicas. Mas, antes de seguir nessa linha, voltemos às regras norteadoras do espírito investigatório de Freud, as quais foram sintetizadas por Wolman (1967) e ampliadas por mim:

1) Empirismo: (“Todo conhecimento se origina da experiência”). Tal embasamento o fez sempre considerar os dados clínicos, tanto no sentido de aplicar técnicas sobre eles, quanto o de corrigir as teorias e não os dados, toda vez que os últimos contestavam os primeiros. Vem daqui, igualmente, conhecido princípio analítico: “Em psicanálise há sempre uma técnica que configura uma teoria e uma teoria que fundamenta uma técnica” (e não o contrário).

2) Determinismo: (Todo fenômeno decorre de uma relação de causa e efeito). Isto o fez buscar causas onde outros pesquisadores desistiram. As descobertas da motivação inconsciente, do significado dos sonhos e dos processos primários são exemplos evidentes da determinação de Freud.

3) Monismo: (O conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade). O que levou Freud a uma concepção teórica integrativa mente/corpo, vista, por exemplo, em sua primeira teoria da ansiedade, uma teoria da transformação do físico em mental.

4) Evolucionismo: (Qualquer teoria fundada na noção da evolução das espécies). Aqui, os dois princípios darwinianos – o da luta pela sobrevivência e o da sobrevivência das espécies – encontraram nos instintos do ego e sexual de Freud os seus correspondentes para explicar parte essencial da vida mental.

O que é o método psicanalítico

Como já deixei claro, creio ser útil distinguir método – visto como o específico, o singular, o idiossincrático de a psicanálise atuar – e técnica, vista

como a sua aplicação.

Essa especificidade – como assinala Lander (Calich, 2000) – é que permite existir uma psicanálise de crianças, de adultos, de família, de casais, as quais, embora com técnicas diferentes, seguem sendo chamadas de psicanálise.

Freud (1904) definiu psicanálise da seguinte maneira: é um método de investigação do inconsciente, é um método de tratamento e é um conjunto de teorias sobre o funcionamento mental normal e anormal.

Como se nota nessa passagem, o próprio Freud colabora para a aparente ambigüidade do termo, ao usá-lo de duas formas, ensejando ser o método analítico tanto um tipo de inserção epistemológica em relação à vida mental, quanto o instrumental técnico que nos permite, clinicamente, atuar dentro do processo analítico.

No entanto, adotando uma linha conceitual cuidadosa, pode-se concluir não ser a teoria o específico da psicanálise, pois existem várias teorias. Poderia ser, talvez, o método de tratamento, mas, mesmo essa possibilidade não se mostra com uma coerência interna (verossimilhança), já que tratamentos usam técnicas e essas – está dito – são muitas.

Resta só uma alternativa definitiva: a investigação do inconsciente.

Aqui está, exatamente, o que cria o ato analítico em sua singularidade, dando-nos um lugar específico em sua investigação e uma posição privilegiada em sua interpretação.

Definido o método, voltemos às técnicas.

Evolução das técnicas analíticas

Lipton (1977), em um extenso trabalho, discute interessantes questões sobre a evolução das técnicas analíticas.

Não só se pergunta – ante tantas modificações havidas – qual, afinal, é a técnica de Freud, como também se propõe a distingui-la de outras atribuídas a ele, bem como avaliá-las no sentido de detectar qual delas é a mais vantajosa na aplicação do método analítico.

Eu acrescentaria – e isso nos interessa de perto, no que se refere a Freud na atualidade – que Lipton (1977) fornece bases para curiosas e instigantes conjecturas sobre possíveis relações entre técnicas do passado e técnicas do presente.

Como se sabe, entendia-se por técnica clássica o conjunto instrumental composto por associação livre, completada pela tríade resistência, transferência, interpretação.

Freud (1909) analisou Paul Lorenz (pseudônimo dado por ele ao nosso conhecido *Homem dos ratos*) por um ano, caso de uma grave neurose obsessiva, o qual, em virtude de apresentar o maior número de sessões dialogadas, dentre todos os de Freud, bem como mostrar uma *narrativa psicanalítica* (valoroso conceito de Sherwood, apud Lipton, 1977, para sucesso analítico), foi tido como o exemplo mais conspícuo de análise clássica.

Freud não o considerava um trabalho sobre técnica, mas, pelo detalhe já destacado, servia como tal. E, por quarenta anos, não houve críticas sobre a técnica usada por Freud.

De repente, elas se sucederam.

Kris (apud Lipton, 1977) criticou a doutrinação intelectual.

Kanzer (apud Lipton, 1977) achou que não foi entendida claramente a transferência.

Jones (apud Lipton, 1977) criticou as explicações teóricas e a permissão para atitudes familiares.

Grunberger (apud Lipton, 1977) assinalou a forma brutal e prematura pela qual o paciente deparou-se com uma fantasia inconsciente.

Zetzel (apud Lipton, 1977) destacou as respostas espontâneas não limitadas à interpretação.

Weiner (apud Lipton, 1977) criticou as auto-revelações e uma conversa geral de Freud.

Rangell (apud Lipton, 1977) considerou obsoletas as análises dos homens dos ratos e lobos.

Beigler (apud Lipton, 1977), finalmente, achou que Freud mudou sua técnica depois desse caso.

Entre outros, eu gostaria de destacar quatro pontos das observações de Lipton (1977) com os quais estou inteiramente de acordo.

1º) As críticas acima redefiniram a técnica de Freud, expandiram-na, ao darem maior ênfase ao comportamento do analista como distinto de seu propósito (contratransferência) e incorporar questões que Freud não considerava técnicas, mas sim artefatos, oriundos de seu relacionamento pessoal, não técnico, com o paciente. (“Alimentar o paciente, revelar seus próprios pensamentos, levantar, corrigir o paciente, dar risada, etc”).

2º) No entanto, a repercussão dos intercâmbios com o paciente era considerada dentro da técnica, como tal analisada (por exemplo, o arenque de que Lorenz não gostava e que não comeu).

3º) Esta nova técnica deve ser chamada de moderna e não deve ser confundida com a técnica definitiva de Freud, esta sim a técnica clássica. Usada

no tratamento de Lorenz, Freud nunca a mudou, conforme outros casos atestam (vide seu intercâmbio com a Sra. Strachey, no qual, após interpretar um sonho, levantou-se para fumar um charuto em comemoração ao seu *insight*), bem como a total ausência de declarações dele nesse sentido.

4º) A técnica de Alexander. French (1946) – *Experiência emocional corretiva* – reforçou o valor da técnica moderna, em defesa da análise *clássica*, ajudando na confusão de qual era a análise clássica e qual não era.

Freud na atualidade

Conforme vimos, a técnica moderna implantou um padrão rígido, comportamental e imediatamente orientado e julgado para cobrir a relação pessoal entre analista e paciente. Isso parece ser uma desvantagem, pois, além de engessar o processo, reflete a tendência corrente de sancionar o silêncio como correto e qualquer conversa como questionável, uma tendência compatível com a generalização de enfatizar a importância do comportamento do analista mais do que o seu propósito.

Ao contrário disso, a técnica definitiva de Freud (1909) via essa relação como singular, idiossincrática, não suscetível à prescrição e codificação, servindo, basicamente, para a continuação da análise, incluindo manifestações pessoais do analista, bem como reações do paciente a essas manifestações, então analisadas.

É-me inevitável a frase, ao considerar as duas questões técnicas atuais mais discutidas no cenário analítico (a intersubjetividade e o irrepresentável): *Freud segue tão atual quanto antes*, talvez, até, quando não pretendesse.

Claro, não estou falando apenas na adoção de todas as escolas analíticas de certos conceitos técnicos freudianos, tais como transferência, análise do caráter, o aqui e agora, relação de objeto, etc.

O que tenho em mente é bem mais: retroceder até a técnica definitiva de Freud e, nesta, pesquisar evidências de elementos relacionados aos avanços ou refinamentos da técnica, ocorridos desde então, em especial os dois antes citados.

Nesse sentido, ao se estudar a técnica de Freud, chama a atenção o evidente fato de ele não considerar tudo o que ocorre em uma sessão de análise como pertencente à transferência, contratransferência ou dentro do âmbito das representações, embora não deixasse de utilizar tais elementos (os intercâmbios) dentro da própria análise, como se pode observar no caso de Lorenz.

Ora, não é exatamente isso o que nos dizem os intersubjetivistas de hoje, bem

como os adeptos – como Botella, C; Botella, S. (2001) – da teoria do funcionamento mental do *irrepresentável*?

Sim, os primeiros dizem que os dois sujeitos da relação, através de suas subjetividades, geram um terceiro sujeito, uma intersubjetividade, a qual, uma vez identificada pela revelação das ditas subjetividades, integra-se à análise como valioso subsídio, embora não sejam consideradas como transferência e contratransferência.

Quanto aos segundos – os quais, diga-se de passagem, retomam idéia de Freud sobre conteúdos mentais sem representação, das neuroses traumáticas - eles propõem a técnica da *figurabilidade*, em que não só o analista empresta a sua mente ao paciente, como ainda *dramatiza* determinada cena, junto ao paciente, com o propósito de inserir-lhe uma representação do trauma, passível, então, de elaboração psíquica.

Voltemos, agora, a Freud e Lorenz.

Observem a cena da 2ª sessão (conforme registro original de Freud feito à noite).

Lorenz estava iniciando a contar a Freud sobre um castigo particularmente horrível aplicado no leste (a tortura dos ratos). Aqui, muito aflito, o paciente interrompe o relato e levanta do divã. Freud, não só permite que o paciente levante, quanto, ativamente, participa da violação do *setting*, ao revelar, talvez em pé, conteúdos de sua própria mente, ao invés de desvendar aqueles do paciente – isto é, através dele mesmo (Freud, 1909), coloca na sessão dados e pensamentos seus, tais como “se seria cerca de estacas” (p. 171) o que pensara o paciente e, a seguir, ao falar as palavras mágicas que eram os equivalentes à ação, “para dentro do ânus” (p. 171), intervenção esta que desvendou mais tarde o grande medo obsessivo do paciente.

No dia seguinte Lorenz voltou tranqüilo e continuou a sua história sobre o voto obsessivo, e a análise continuou até uma conclusão bem sucedida.

Parece claro, por esses dados, que Freud utilizou a sua própria subjetividade para, junto com a de Lorenz, construir uma terceira configuração expressa na frase interpretativa. Por outro lado, ao se dirigir ao paciente de uma forma ativa, bem como pronunciando as palavras terríveis, Freud - tal como se fosse ele próprio o oficial tcheco cruel - incumbiu-se de representar a cena até então sem seus atores, mas aflitiva.

Com isso não estou dizendo, é claro, que Freud era um intersubjetivista. Como se sabe, nos termos classificatórios habituais - que me parecem muito reducionistas - ele sequer poderia ser considerado um subjetivista, posto que sua técnica era objetiva e pulsional. O mesmo se diria sobre sua teoria intrapsíquica:

é claro que ela é – basicamente – uma teoria de representações inconscientes (o reprimido), logo também não seria equivalente à dos teóricos da não representação.

O que eu realmente gostaria de frisar é a indelével sensação da presença de Freud entre nós ontem e hoje, onde quer que esteja a psicanálise, quaisquer que sejam os seus desenvolvimentos.

Em razão disso é a ele que encaminho nossa derradeira questão:

Então, Dr. Freud, como o senhor explica essa confluência de técnicas, se somente agora algumas delas estão sendo desenvolvidas?

Como disse para a senhora Strachey naquela oportunidade: não seria suficiente, por hoje? Porém, dada a sua expectativa, não vou desapontá-lo. Minha resposta é a seguinte: como método, a psicanálise deve se valer de todos os meios para acessar o inconsciente. Foi o que fiz com Lorenz. É claro que, à medida que esses meios se mostram eficazes, eles se transformam em técnicas, as quais devem ser aplicadas objetivamente, até serem substituídas ou articuladas a outras. Foi o que sempre fiz. Podemos chamá-las – como você o faz – de objetivas, subjetivas, interativas, intersubjetivas, tanto faz. Como método, a psicanálise é uma só.

Abstract

Analytical method: Freud today

This study has three complementary objectives. The first is to revise the concept of analytical method in historic terms and its development. The second, which takes up more time, is to discuss if there are conceptual differences between technique and method, when question related to Lipton's text and aspects of an analysis of a *Rat man* serve to illustrate and sustain the author's opinion in favor of only one method and various techniques. Finally, and imagining a short dialogue with Freud about the most recent developments in analytical technique as a way to conclude what the author intended as being a method of analysis today.

Keywords: Freud. Analytical method. Analytical technique.

Resumen

Método analítico: Freud hoy

El trabajo contiene tres objetivos complementarios. El primero es el de hacer la debida revisión del concepto de método analítico en términos históricos y de su desarrollo. El segundo – que toma un espacio mayor – es el de discutir si existen o no diferencias conceptuales entre método y técnica, momento en el que se trae al texto un trabajo de Lipton y aspectos del análisis del *Hombre de las ratas*, con la finalidad de ilustrar y sostener la opinión del autor en favor de un único método y varias técnicas. Por último, se imagina un breve diálogo con Freud sobre los más recientes desarrollos técnicos del psicoanálisis como un recurso para integrar y concluir lo que el autor entiende ser el método analítico hoy.

Palabras llave: Freud. Método analítico. Técnica analítica.

Referências

- ALEXANDER, F.; FRENCH, T. (1946). *Psychoanalytic therapy: principles and application*. New York: Ronald.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (2001). Figurabilidade e regrediência. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 10, n. 2, p. 249-341.
- CALICH, J. (2000). (org.). Uma visão latino-americana do tema do 42º IPAC-2001. Psicanálise: método e aplicações. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 7, n. 3, p. 395-426.
- FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 41-59.
- _____. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 55-82.
- _____. (1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. (1904). O método psicanalítico de Freud. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 254-327.
- _____. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 157-317.
- LIPTON, S. (1977). The advantages of Freud's technique as show in his analysis at the rat man. *Int. J. Psycho-anal.* v. 58, n. 3, p. 255-273.
- MABILDE, L. (2005). Conceitos psicanalíticos freudianos fundamentais. In: EIZIRIK, C.; AGUIAR, R.; SCHESTATSKY, S. *Psicoterapia de orientação analítica*. Porto Alegre: Artmed, p. 73-84.
- WOLMAN, B. (1967). *Técnicas psicanalíticas: a técnica freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Luiz Carlos Mabilde

Recebido em 21/08/2006

Aceito em 03/09/2007

Luiz Carlos Mabilde

Rua Tobias da Silva, 99/303

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: mabilde@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA